

A experiência estética com o uso didático do cinema nas aulas de Filosofia: uma perspectiva a partir de John Dewey

The aesthetic experience with the didactic use of cinema in Philosophy classes: a perspective from John Dewey

La experiencia estética con el uso didáctico del cine en las clases de Filosofía: una perspectiva desde John Dewey

Flavio Honorio da Silva (PUC/PR - Brasil)¹

Leoni Maria Padilha Henning (UEL - Brasil)²

¹ Graduado em Licenciatura em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (2008), graduado em Bacharelado em Teologia pelo Instituto São Paulo de Estudos Superiores (2015). Concluiu o Mestrado em Educação pela Universidade Estadual de Londrina em 2020, na linha de Filosofia da Educação, com a Dissertação sob o título Linguagem, experiência e educação: ensinamentos de Dewey para a pandemia. Atualmente, está matriculado desde 2024 no Programa de Pós-Graduação - Doutorado em Educação pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8959666261638104> ORCID <https://orcid.org/0000-0001-7968-0173> Email: honorio.flavio@gmail.com

² Pós-Doutora em Filosofia pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Doutora em Educação pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP). Mestre em Educação pela Mississippi State University (MSU), Estados Unidos. Atualmente, desde a aposentadoria da Universidade Estadual de Londrina em 2019, tornou-se professora Sênior do Programa de Pós-Graduação em Educação da mesma instituição. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8165332587246727> ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8004-2371> Email: leoni.henning@yahoo.com

RESUMO

O presente artigo explora a experiência estética fornecida pelo uso do cinema como recurso didático nas aulas de Filosofia, a partir das ideias de John Dewey sobre arte e educação. Com base nas suas principais obras, como *Arte como Experiência e Democracia e Educação*, observamos que Dewey nos chama a atenção em perceber que o real sentido a que uma atitude estética pode proporcionar diz respeito a que seja uma atitude desinteressada, uma abertura, uma disponibilidade não tanto para a coisa ou o acontecimento “em si”, naquilo que ele tem de consistência, mas para os efeitos que ele pode produzir, de tal modo que a ideia de arte tenha se ampliado e ultrapassado os limites da inteligibilidade. Desta forma, a contribuição do pensamento deweyano se dirige na perspectiva de um enriquecimento de tais experiências sob um prisma formativo. O desafio posto está em desenvolver de forma fecunda, no cerne do ensino médio, as provocações que podem vir a surgir de diferentes expressões artísticas. A obra de arte sempre serviu como objeto de reflexão filosófica, de tal modo que possa ser compreendida como um importante instrumento para indagar e promover questões filosóficas. Isto se ratifica quando, observamos elementos, de modo particular, em produções cinematográficas, aspectos como consumismo, competição desenfreada, dificuldade em conviver com a pluralidade e as diferenças, separação entre arte e vida, fragmentação e mercantilização das relações humanas, entre outros, como reflexos dos dualismos que afetam, de forma marcante, a vida humana. Por esta razão, a obra *Arte como Experiência* tem um alcance extremamente atual para, pelo viés da experiência estética e do postulado da unidade entre arte e vida, pensarmos nessas e em outras questões que afetam a vida do homem contemporâneo. De modo especial, nosso intuito é analisar a forma como o cinema em diferentes produções reproduziram formas distintas de pensar o problema filosófico que, igualmente, pode vir a nos atingir, de modo particular ao modelo educacional e o ambiente escolar.

PALAVRAS-CHAVE

Cinema; Dewey; Educação; Ensino de Filosofia; Experiência Estética.

ABSTRACT

This article explores the aesthetic experience provided by the use of cinema as a didactic resource in Philosophy classes, based on John Dewey's ideas about art and education. Drawing on his main works, such as *Art as Experience* and *Democracy and Education*, we observe that Dewey calls our attention to the realization that the real meaning that an aesthetic attitude can provide concerns a disinterested attitude, an openness, a readiness not so much for the thing or event "in itself," in its consistency, but for the effects it can produce, so that the idea of art has expanded and surpassed the limits of intelligibility. Thus, the contribution of Deweyan thought is directed towards the perspective of an enrichment of such experiences and, therefore, under a formative prism. Obviously, the challenge lies in developing fruitfully, at the core of high school education, as is the focus of our work, the provocations that may arise from different artistic expressions. The work of art has always served as an object of philosophical reflection, achieving an active position as a transforming agent in philosophical questions. This is confirmed when, in the current context, aspects such as consumerism, unbridled competition, difficulty in living with plurality and differences, separation between art and life, fragmentation and commodification of human relations, among others, express themselves as reflections of the dualisms that markedly affect human life. For this reason, the work *Art as Experience* has an extremely current reach to, through the bias of aesthetic experience and the postulate of unity between art and life, think about these and other issues that affect the life of contemporary man. In a special way, we can analyze how cinema in different productions has reproduced distinct ways of thinking about the philosophical problem that affects us in its great majority, the educational model and the school environment.

KEY-WORDS

Cinema; Dewey; Education; Philosophy Teaching; Aesthetic Experience.

RESUMEN

Este artículo explora la experiencia estética que proporciona el uso del cine como recurso didáctico en las clases de Filosofía, a partir de las ideas de John Dewey sobre arte y educación. A partir de sus principales obras, como *El arte como experiencia* y *Democracia y educación*, observamos que Dewey llama nuestra atención sobre el hecho de que el sentido real que puede aportar una actitud estética concierne a que ella sea una actitud desinteresada, una apertura, una disponibilidad no tanto por la cosa o el acontecimiento “en sí”, en lo que tiene de consistencia, sino por los efectos que puede producir, de tal manera que la idea de arte se ha expandido y superado los límites de la inteligibilidad. De este modo, el aporte del pensamiento deweyano se dirige hacia la perspectiva de enriquecer dichas experiencias y, de esta manera, desde una perspectiva formativa. Evidentemente, el reto es desarrollar de manera fructífera, en el seno de la educación secundaria, como es el foco de nuestro trabajo, las provocaciones que puedan surgir de las diferentes expresiones artísticas. La obra de arte siempre ha servido como objeto de reflexión filosófica, logrando una posición activa como agente transformador en cuestiones filosóficas. Esto se confirma cuando en el contexto actual aspectos como el consumismo, la competencia desenfrenada, la dificultad para convivir con la pluralidad y las diferencias, la separación entre arte y vida, la fragmentación y mercantilización de las relaciones humanas, entre otros, se expresan como reflejos de los dualismos que afectan significativamente la vida humana. Por ello, la obra *El Arte como Experiencia* tiene un alcance sumamente actual para que, a través de la perspectiva de la experiencia estética y del postulado de unidad entre arte y vida, podamos pensar estas y otras cuestiones que afectan la vida del hombre contemporáneo. En particular, podemos analizar la manera en que el cine en diferentes producciones reprodujo diferentes maneras de pensar sobre el problema filosófico que nos afecta en su gran mayoría, el modelo educativo y el ámbito escolar.

PALABRAS-CLAVE

Cine; Dewey; Educación; Experiencia Estética; Filosofía de la Enseñanza.

Introdução

O cinema, desde seu surgimento, tem sido uma forma poderosa de expressão artística e narrativa, capaz de capturar a complexidade das emoções humanas e das experiências sociais. Para além do entretenimento, ele tem um enorme potencial pedagógico, especialmente no campo da Filosofia da Educação. Tal compreensão já foi discutida em pesquisas acadêmicas³ em que o cinema foi utilizado com o intuito de promover a acessibilidade entre a filosofia e a educação em sala de aula para fins pedagógicos, enquanto compreendemos que a juventude atual pode se sentir mais atraída por demonstrações mais reais e concretas relacionadas às ideias abstratas da filosofia. Do nosso ponto de vista, este recurso pedagógico pode facilitar a explicitação do pensamento do nosso autor utilizado como fundamento. John Dewey, um dos principais expoentes da filosofia pragmatista e da teoria da educação, a partir de uma análise em sua obra *Arte como Experiência*, por mais que aí não esteja descrito a experiência com o cinema, ousamos dizer que este recurso também pode obter uma utilização para fins educativos pautados em seus *insights*, haja vista que um filme pode ser compreendido como um complexo “ritual”, pois sintetiza a criação artística (roteiro, direção, atuação, música, fotografia), a tecnologia (equipamentos, edição, projeção), a organização social e econômica (produção, distribuição, exibição) e a resposta do público (interação em um ambiente compartilhado, engajamento emocional e intelectual). Essa confluência de elementos, harmonizada em um fluxo contínuo de estímulos, culmina em uma experiência estética que transcende a soma de suas partes, convidando à reflexão e ao crescimento, em linha com a filosofia da experiência de John Dewey.

Podemos ilustrar essa ideia com os exemplos das diferentes formas de agir de um professor em um ambiente escolar que pode vir a impactar na conduta de seus estudantes no sentido de seu pertencimento ao mundo através do material pedagógico veiculado no filme *A Sociedade dos Poetas Mortos*⁴ que pode ser visto não apenas como uma história reproduzida numa tela para o deleite ou não de seus espectadores. Deste modo, no panorama da estética de Dewey, encontramos várias possibilidades pedagógicas para a geração atual que está fortemente ligada aos recursos tecnológicos e que, neste sentido, o professor, poderá utilizar-se de pequenos recortes de produções cinematográficas para instigar ao jovem a reflexão frente a uma legítima expressão artística e tornando a experiência cinematográfica uma experiência educativa.

3 Para corroborar o que foi dito, temos como exemplo a tese de Paula Linhares Angerami, que desenvolve em sua pesquisa o uso do cinema como parte de uma poética educacional que, indo além dos aspectos intelectuais, procura integrar os aspectos morais, éticos e estéticos do ser humano. Neste sentido, a pesquisadora realiza uma análise conceitual e hermenêutica acerca da relação existente entre estética, experiência qualitativa e pensamento reflexivo, tomando como referencial teórico a obra de Dewey. Dito isso, a tese busca verificar as potencialidades do cinema para alcançar uma experiência qualitativa e reflexiva sobre questões éticas.

4 Em 1959 na Welton Academy, uma tradicional escola preparatória, um ex-aluno (Robin Williams) se torna o novo professor de literatura, mas logo seus métodos de incentivar os alunos a pensarem por si mesmos cria um choque com a ortodoxa direção do colégio, principalmente, quando ele fala aos seus alunos sobre a “Sociedade dos Poetas Mortos”.

John Dewey e a experiência estética

John Dewey é uma referência fundamental quando se discute a relação entre arte, experiência e educação. Em *Arte como Experiência* (2010), Dewey critica a separação entre arte e vida comum, frequentemente encontrada nas sociedades modernas, onde a experiência estética é vista como algo excepcional ou reservada a poucos. Segundo Dewey, a arte tem o poder de reconectar o indivíduo com o mundo ao seu redor. Isto ganha contornos muito mais consistentes tal como nos apresenta Abraham Kaplan na introdução de *Arte como Experiência*, ao afirmar que

[...] Dewey repudia a “concepção da arte que a ‘espiritualiza’, retirando-a da ligação com os objetos da experiência concreta” [...]. A tarefa da filosofia da arte é “restabelecer a continuidade entre, de um lado, as formas refinadas e intensificadas de experiência que são as obras de arte e, de outro, os eventos, atos e sofrimentos do cotidiano universalmente reconhecidos como constitutivos da experiência” (Kaplan, 2010, p. 17).

No contexto educacional, Dewey vê a arte como um meio de transformação, capaz de desenvolver a sensibilidade e a reflexão nos estudantes. Ele acredita que, ao proporcionar uma experiência estética, a arte cria oportunidades para um aprendizado que vai além da aquisição de conhecimentos teóricos, envolvendo uma interação viva e dinâmica com o conteúdo. Este é o ponto que será explorado na aplicação didática do cinema nas aulas de filosofia.

A experiência estética pode ser definida como o “desenvolvimento esclarecido e intensificado de traços que pertencem a toda experiência normalmente completa” (Dewey, 2010, p. 125), ou seja, não existe outro fundamento que alicerce tal experiência senão o fato de a arte ser um produto da interação contínua e cumulativa de um eu orgânico com o mundo e que consiste na atividade consumada. Tal percepção está presente na filosofia de Dewey tendo em vista que, para ele, a experiência humana resulta da adaptação do homem ao ambiente em que está inserido, constituindo-se efetivamente como tal quando consumada, plena, completa.

Conforme destaca Duarte, a intenção de Dewey é apelar

[...] à importância de uma recuperação da relação de continuidade entre a obra de arte, perspectivada enquanto forma de experiência intensificada do real, e o conjunto de acontecimentos e vivências que cada um de nós reconhece como constituindo, no seu sentido mais amplo e geral, a experiência humana (Duarte, 2017, p. 161).

Nesta ideia podemos perceber que Dewey, em *Arte como Experiência*, alega que, a própria existência das obras de arte dificulta qualquer teoria estética que busque entendê-las. Esta percepção do filósofo explicita a necessidade de que uma experiência seja um importante instrumento de ligação da realidade individual e particular em cada pessoa de tal modo que “[...] coisas e eventos que fazem parte do mundo físico e social são transformadas pelo contexto humano em que entram,

enquanto a criatura viva se modifica e se desenvolve através da interação com coisas que antes lhe eram externas” (Dewey, 2010, p. 431).

Por esta razão, observamos que Dewey (1979) busca romper e quebrar com o dualismo entre empirismo e racionalismo, e rebate com um conceito de experiência como um conhecimento acumulado ao longo da vida dos indivíduos. De tal modo que o ser humano sofre a experiência e reage ao mesmo tempo, e isso se dá ao longo da vida. É um ser vivo que está em seu ambiente, seja ele de qual materialidade for a sua ordem, numa sala de cinema ou numa interação mediada por uma página da *internet*, ele sente a própria reação de seu ato no processo da experiência.

Assim, fica claro que em sua compreensão, Dewey reitera o aspecto segundo o qual há uma continuidade da experiência ao mesmo tempo em que há a interação do indivíduo com o seu meio, sobretudo nas experiências passadas que já tenha tido com outras pessoas, com os objetos materiais e imateriais em questão, com as características presente no ambiente da interação, enfim, todo o contexto da situação em que se encontra.

A experiência estética no cinema

O cinema, como forma de arte, possui um caráter multissensorial e narrativo que o torna especialmente eficaz para provocar experiências estéticas. Para Dewey, a experiência não é meramente uma recepção passiva de estímulos, mas um processo dinâmico e interativo entre o organismo e o ambiente. Ela é sempre uma experiência de envolvimento, onde há uma transação contínua entre o fazer e o sofrer, entre o agir sobre o mundo e ser afetado por ele. Nesse sentido, uma “experiência estética” não se restringe a um domínio isolado do “belo” ou a um objeto de contemplação distante. Pelo contrário, a arte e a experiência estética emergem de uma intensificação da experiência comum, quando esta adquire uma unidade e plenitude que a distinguem das demais. Por essa razão, observamos que a combinação de imagem, som e narrativa é que favorece a reflexão, ativa o pensamento crítico e a reflexão filosófica de maneira diferenciada. O filme pode atuar como um “texto” filosófico, de outra ordem, é verdade, podendo estimular debates e interpretações sobre questões existenciais, éticas e epistemológicas. Para o pragmatismo de Dewey, o conhecimento não é uma cópia passiva da realidade, mas uma construção ativa que surge da interação com o ambiente e da resolução de problemas. A experiência é central, e é através dela que o significado é gerado e o aprendizado ocorre. A experiência estética, nesse contexto, não é um domínio apartado da vida prática, mas uma intensificação e organização de outras experiências, que oferece novas perspectivas e leva a um crescimento contínuo.

Esta percepção pode ser trazida na leitura feita por Kaplan, na introdução de *Arte como Experiência*, ao lembrarmos que Dewey confirma a importância da narrativa e da simbolização na construção de experiências significativas, haja vista que “[...] o contexto ideal da experiência estética depende apenas do que ela proporciona

à percepção” (Kaplan, 2010, p. 33). O cinema, ao contar histórias por meio de imagens em movimento, oferece uma experiência que pode ser esteticamente rica e intelectualmente provocativa, alinhando-se com a visão de Dewey sobre a arte como um processo de experiência, indicando as contribuições dessa à formação humana entendida como questão educacional.

Tal papel formativo, fica explícito, quando Jocyléia dos Santos afirma que: “O cinema, ao longo do século XX, vai se constituir como uma importante instância educativa, não se ia ao cinema para sonhar, ia-se para aprender” (Santos, 2013, p. 259). Não à toa a mesma pesquisadora promove uma proximidade entre o cinema e a literatura ao equiparar ambas as manifestações artísticas a uma forma de “literatura” segundo a qual os estudantes devem aprender a ler todos os aspectos de um filme: a narrativa, a fotografia, o desenvolvimento dos personagens.

Dentre os filmes que buscamos usar com base na filosofia da educação de Dewey e sua relação com a crítica feita aos moldes tradicionais está *A Sociedade dos Poetas Mortos*, obra cinematográfica que ressalta, de forma negativa, o papel de aparelho ideológico que a escola pode assumir, expresso nos princípios de ordem e disciplina usados no sentido de coibir a expressão e a valorização do pensamento livre.

O uso do cinema nas aulas de filosofia

Ao utilizar filmes em aulas de filosofia, o professor pode criar um ambiente que favoreça a experiência estética, permitindo que os alunos vivam conceitos filosóficos de maneira mais profunda. Um exemplo de filme como *Sociedade dos Poetas Mortos* pode expressar uma das tônicas presentes na filosofia deweyana que aponta críticas a um formato tradicional de educação. Dentre as problemáticas observadas está em que a educação prioriza a mera transmissão de conhecimentos ou ainda, que não exerce um papel de transformação social oriundo de uma educação mais consciente e crítica de suas realidades particulares em âmbito social, estrutural e mesmo educacional.

Ao estudar o pensamento de Dewey pudemos observar que sua filosofia trouxe uma grande contribuição à discussão quanto aos conteúdos escolares e sua respectiva relação com o ambiente externo pois, fica claro que o filósofo se preocupa com a possibilidade de ruptura entre o eu e o mundo. Como habitualmente é observado em seus escritos, é inegável que haja uma “[...] ligação intrínseca do eu com o mundo através da reciprocidade do sofrer e do fazer [deixando] de serem aspectos e fases diferentes de uma interação contínua” (Dewey, 2010, p. 432).

Considerando a sociedade como um todo, o autor adverte: “[...] é inevitável alguma participação na vida daqueles com quem o indivíduo se acha em contato, por essa participação o ambiente social exerce um influxo educativo ou formativo, independentemente de qualquer propósito intencional” (Dewey, 1979, p. 18). No entanto, precisamos salientar que “[...] as escolas continuam sendo o exemplo típico do meio preparado para influir na direção mental e moral dos que as frequentam”

(Dewey, 1979, p. 20) e, por sua vez, cumpre à escola, “[...] proporcionar um ambiente simplificado [...] utilizando-se dos elementos adquiridos como meio de conduzi-los ao sentido e compreensão real das coisas mais complexas” (Dewey, 1979, p. 21), cuidando para não construir um ambiente totalmente artificial e distante do ambiente onde as pessoas vivem. Daí compreendermos que, diferentemente da sociedade geral onde estamos, a escola é marcada por uma intencionalidade, por um conjunto de elementos conectados para realizar objetivos definidos e estabelecidos por um corpo de profissionais preparados para este fim.

Não à toa devemos observar que a “[...] necessidade da reflexão filosófica e da apreciação e criação artística na escola é correlata aos benefícios que tais saberes oferecem aos alunos: a oportunidade de desenvolver um pensamento crítico, autônomo, criativo e livre” (Nicolau, 2019, p. 67). Isso é corroborado ao percebermos que esta ferramenta de provocação das ideias e pensamentos críticos que surgiram da sétima arte e com o uso da própria filosofia na abordagem de determinadas temáticas que se fazem presentes em alguns filmes favorecem “[...] a comunicação da filosofia de modo didático e atual, podem as mesmas ser capazes de desenvolver no aluno o impulso necessário à reflexão crítica e a criação artística, tão necessárias a formação cultural e cidadã” (Nicolau, 2019, p. 67).

Destacamos também que, através de uma educação intencional, por meio de matérias e métodos estabelecidos e apropriados a incentivar o crescimento na direção desejada, contribui para que as aptidões individuais sejam postas em vista do benefício da comunidade em geral. Dentre outros instrumentos possíveis para alcançarmos determinado fim de uma boa convivência e a máxima transformação da vida social, com a linguagem “[...] conseguimos participar largamente da passada experiência humana, dilatando e enriquecendo assim a experiência do presente” (Dewey, 1979, p. 41). Isto pode ser reforçado ao refletirmos que “A vida de todo ser humano está vinculada a uma série de relações sociais, políticas, econômicas, afetivas e, inclusive, ambientais, tornando-se um dos objetos fundamentais da reflexão filosófica a compreensão da existência humana (Nicolau, 2019, p. 67).

Por essa razão, também vemos que Dewey destaca que “o objetivo da educação é habilitar os indivíduos a continuar sua educação – ou que o objeto ou a recompensa da educação é a capacidade para um constante desenvolvimento” (Dewey, 1979, p. 108), tornando os educandos capazes de conectarem as suas experiências da escola com a sociedade.

Neste sentido, a exibição de filmes pode ser seguida por discussões filosóficas estruturadas, nas quais os alunos analisam cenas específicas à luz de teorias filosóficas. A experiência sensível proporcionada por um filme é, então, complementada por uma reflexão racional que busca interpretar e avaliar os elementos, pois, a arte pode comunicar algo quando sua materialidade é portadora de um conteúdo, quando ela veicula uma ideia, uma intenção, uma mensagem emocional, moral ou política.

Discussão Crítica: limites e possibilidades do cinema como ferramenta educacional

Apesar de entendermos o uso de filmes para promover uma boa forma de atividade filosófica no interior da sala de aula, é importante salientar que esta não deve ser pensada e extensivamente explorada sem que haja uma introdução cuidadosa à proposta de discussão de conceitos filosóficos.

Nesse sentido, para que o uso do cinema em sala de aula promova reflexões e conhecimento sobre os conceitos é preciso que se adote e desenvolva uma metodologia capaz de articular, tanto a forma, quanto o conteúdo do filme, com os conteúdos estudados no componente curricular de filosofia.

De acordo com Napolitano (2009), há uma organização que pode ser utilizada pelo professor a fim de aprimorar a experiência estética e filosófica com os estudantes, descrita em fases pelo pesquisador.

Qualquer que seja o tipo de exibição escolhida pelo professor, é de fundamental importância a elaboração de um roteiro de análise. [...] Não se trata de limitar a criatividade dos alunos-espectadores ou desestimular as várias leituras válidas de uma obra cinematográfica, mas estabelecer alguns parâmetros de análise com base nos objetivos da atividade.

O roteiro pode se dividir em duas partes: a) informativa, a título de subsídio para o aluno; b) interpretativa, provocando o olhar do aluno e delimitando algumas questões básicas para serem percebidas e assimiladas durante a primeira assistência (Napolitano, 2009, p.82).

Tais orientações podem ser entendidas como uma forma de roteiro a ser desenvolvido pelo professor em sala de aula junto de seus alunos, a fim de promover, o que é compreendido por Dewey como consideração ao processo de imaginação, pois, para ele “Não há divisões psicológicas intrínsecas entre os aspectos intelectuais e sensoriais, entre o emocional e o ideativo, entre as fases imaginativas e práticas da natureza humana” (Dewey, 2010, p. 433). Em uma só palavra, a imaginação pode contribuir para compor uma experiência integral, não ficando adstrito apenas à transmissão de conhecimentos. Também pode ser manifestada pelos diferentes interesses do sujeito quando sua mente entra em contato outros recursos que instigam sua compreensão sobre o meio em que vive. No entanto, tem sido apontado por vários observadores que, no contexto educacional, há uma falta de imaginação, o que pode resultar em reflexos negativos se assemelhando ao problema do imitador. Por isso, o autor argumenta:

O problema do imitador acadêmico não é ele depender das tradições, e sim estas não lhe haverem penetrado na mente, na estrutura de suas maneiras de ver e criar. Elas permanecem na superfície, como truques de técnica ou sugestões e convenções alheias quanto ao que é apropriado fazer (Dewey, 2010, p. 459).

Dewey recorda que o modelo de base da educação tradicional tem como representante o filósofo Johan Friedrich Herbart (1776-1841), o qual preocupou-se unicamente com a educação moral dos educandos mediante a adoção de hábitos de ação em conformidade com regras e padrões que, ao serem internalizados e institucionalizados, ditam regras de conduta. Por isso, notamos que a tarefa principal da educação tradicional é transmitir corpos organizados de informação e de formas existentes de habilitação, que constituem o material de instrução.

Contudo, é preciso salientar o caráter formativo que a filosofia pode proporcionar por diferentes modos aos estudantes, como nos aponta Muraro, ao afirmar que

Dewey fez prevalecer como objeto primário da investigação filosófica o campo contínuo, interconectado e complexo da experiência, que subentende as relações do organismo e meio que envolve dimensões como espaço e tempo, indivíduo e sociedade, natureza e cultura, pensamento e ação (Muraro, 2017, p. 523).

Tal perspectiva ganha mais força com os seguintes apontamentos, “[...] o problema basilar consiste em compreender o lócus do pensar na experiência humana problemática, conflitiva e em contínua mudança” (Muraro, 2017, p. 521), de tal forma que o filósofo desenvolve a sua filosofia deslocando-se para o campo comum de investigação dos problemas que se originam da própria vida.

Pelo exposto, entendemos que na proposta de se fazer uso do cinema para discutir temáticas de cunho filosófico, esta ação gradativamente irá ampliar e transformar a experiência humana interconectada a uma variedade de problemas e significados que os próprios alunos poderão descobrir, conectá-los aos conceitos trabalhados em sala de aula e em sua vida.

Por essa razão, o filósofo observa, ao falar do método de ensino tradicional, que o “[...] perigo permanente, portanto, é que o cabedal da instrução formal se torne exclusivamente a matéria do ensino nas escolas, isolado das coisas de nossa experiência, na vida prática” (Dewey, 1979, p. 9), sobretudo, porque enfatizava a que os educandos deveriam adquirir habilidades por meio de exercícios automáticos que limitariam seu poder de julgamento e sua capacidade de agir com inteligência diante de novas situações. Deste modo, tais exercícios tornam o processo de ensino enfadonho, desmotivado e sem possibilidade para a criatividade e a criticidade.

Além disso, Dewey chama a atenção para o fato de que o professor, na modalidade de educação tradicional, cumpre a tarefa de selecionar e organizar os conteúdos e conseqüentemente, a escolha do método de ensino. Por este motivo, o professor podia ser visto como um instrumento que disseminava e transmitia os conhecimentos como também fortalecia determinadas regras de conduta. Deste modo, o professor fazia com que os educandos adquirissem os conhecimentos do passado como finalidade da educação tradicional pois, seu aspecto fundamental significava que o aprendizado era o ato de adquirir aquilo que foi produzido pelas gerações anteriores.

Ao contrário da postura conservadora e rígida, como nos mostra Lins (2015),

Dewey defende o ambiente escolar no uso e no atributo de sua função formadora em consonância com a atividade do professor, organizando

[...] a cultura na sociedade. Estes termos se encontram algumas vezes distanciados e em outras se confundem, no entanto, na perspectiva que temos aqui, devido às características da educação na filosofia de John Dewey, a cultura é o conjunto de intuições, símbolos, hábitos e convenções que se realizam na sociedade. É devido a esta simbiose que o contexto sociocultural adquire uma importância fundamental para a ação do professor (Lins, 2015, p. 35).

Deste modo, temos em nossa reflexão a maneira com a qual o filósofo estadunidense entendia e expunha sua preocupação em relação a uma educação como motor de transformação da realidade e com a qual cada indivíduo seria capaz de promover, a partir de suas próprias potencialidades, o seu desenvolvimento com o incentivo do ambiente escolar.

Logo, para Dewey (1979), a aprendizagem se dá pela experiência, num constante diálogo, isto é, a ação, a atividade do educando é fator indispensável para que haja aprendizagem. O educador é um elemento na formação e compreensão da educação e seu papel é muito importante, pois trata-se de um orientador na criação de experiências educativas – e não, simplesmente, um transmissor dogmático de verdades acumuladas simplesmente.

A preocupação imediata e direta do educador é, então, com a situação em que a interação se processa cabendo-lhe a promoção de um ambiente tal que, ao interagir com as diferentes necessidades e capacidades dos estudantes sob sua responsabilidade educativa evite, portanto, o vicejar de experiências deseducativas, a saber, aquelas que se interpõem no crescimento das pessoas, impedindo o real e contínuo desenvolvimento.

Considerações finais

Em resumo, ao propor o uso do cinema dentre os vários recursos possíveis para a promoção do desenvolvimento crítico, nosso intuito é estabelecer que tal ferramenta pode contribuir para o processo de ensino-aprendizagem nas aulas de filosofia, de modo particular, no ensino médio, tendo como ponto de partida uma obra cinematográfica, funcionando como parceira do próprio texto filosófico que vier a ser estudado, tendo o professor uma clara visão das relações dos conceitos com as estratégias utilizadas, observando as possibilidades manifestas nas relações pedagógicas que se estabelecem numa aula de filosofia. Com isso, evidentemente não excluimos a importância da utilização de outros recursos, igualmente.

Essa compreensão parte da prerrogativa de que a filosofia, sendo uma forma de conhecimento, contribui para o entendimento do mundo e de si mesmo, possibilitando a construção de si e também do outro, capaz de contribuir para o movimento do

indivíduo no mundo durante a sua existência. Com isto, temos claro que, para o estímulo ao pensamento crítico nas aulas de filosofia, estamos tratando de propor o uso do cinema como possibilidade de utilização enquanto mera ilustração de teorias e pensamentos filosóficos ou de sensibilização, mas de que o próprio cinema é problematizador, é produtor de pensamentos, é ele mesmo filosófico.

O desejo de utilizarmos de filmes, na sua integralidade ou em recortes, para fins pedagógicos e educacionais, não é um momento de lazer, de “matar aula”, mas a tentativa de nos valermos do que há numa obra artística algo a ser decifrado e compreendido. Isto é facilitado pelo que faz parte do roteiro das aulas e do processo do Filosofar em sala de aula. Por esse motivo, também acreditamos que, ao promover a experiência estética, a partir de uma perspectiva deweyana, contribuimos para a formação humana, especialmente porque, através da arte, possibilitamos unificar as relações e os aspectos da vida que trazem enriquecimento às experiências dos sujeitos, havendo a possibilidade de romper os dualismos existentes entre o mundo da escola e o mundo de fora dela.

Quiçá, quando a arte for novamente retomada em consonância com as atividades do dia a dia, poderá ser possível aprimorar a sensibilidade que caracteriza o humano como humano, permitindo aumentar suas possibilidades de ver, ouvir, perceber, criar e imaginar sua vida como uma obra de arte que precisa ser lapidada, desenvolvida e direcionada pela educação. Reforçamos nosso posicionamento ao compreender e defender que, as várias expressões artísticas, contribuem para o desenvolvimento do sujeito em si e da sociedade, se estas mesmas expressões forem observadas enquanto veículo da experiência estética, um recurso ao desenvolvimento do sentimento de plenitude na formação humana, uma vez que faz parte da realidade humana ao relacionar-se com o mundo obtendo experiências efetivamente consumadas, inteiras, produtoras do crescimento dos indivíduos.

Referências

DEWEY, John. **Arte como Experiência**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

DEWEY, John. **Democracia e educação**: Introdução à Filosofia da Educação. São Paulo: Editora Nacional, 1979.

DUARTE, Miguel Mesquita. Resenha. A arte como experiência. *Crítica Cultural – Critic*, Palhoça, SC, v. 12, n. 1, p. 161-169, jan./jun. 2017.

KAPLAN, Abrahan. Introdução. In: DEWEY, J. **Arte como experiência**. Tradução de Vera Ribeiro. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

LINS, Maria Judith Sucupira da Costa. A Filosofia da Educação de John Dewey: reflexões e perspectivas atuais para a escola brasileira. **Filosofia e Educação**. Vol. 7, n. 2. Campinas, SP. jun-set, 2015, p. 19-46.

MURARO, Darcísio Natal. Filosofia da experiência e formação humana para John Dewey. **Perspectiva**. Florianópolis, v. 35, n. 2, p. 520-545, abr./jun. 2017.

NAPOLITANO, Marcos. **Como usar o cinema em sala de aula**. 4. ed. 2. reimpressão. São Paulo: Contexto, 2009.

NICOLAU, Marcos Fábio Alexandre. A filosofia no cinema: o uso pedagógico da arte na produção de um material didático para o ensino de filosofia. **Ensaios Filosóficos**. Volume XIX – Julho/2019. p. 66-76.

SANTOS, Jocyléia dos. "SOCIEDADE DOS POETAS MORTOS" O Filme. In: **Cinema e ensino de história da educação**. SOUZA, Sauloéber Tarsio de; CARVALHO, Carlos Henrique de; RIBEIRO, Betânia de Oliveira Laterza (orgs). Campinas, SP: Editora Alínea, 2013. p. 259 – 265.

SOCIEDADE DOS POETAS MORTOS. Direção: Peter Weir. Produção de Touchstone Pictures. Estados Unidos: Walt Disney, 1990. 1 DVD.

Submissão: 05/03/2025

Aprovação: 14/09/2025